



Fortificações. As sedes

das duas capitânicas da Madeira - Funchal e Machico, foram desde o começo dois centros importantes de comércio e navegação, predominando o Funchal pelo seu amplo porto. João Gonçalves da Câmara, 2.º donatário do Funchal, sabendo do dano que os mouros causavam no alto mar às embarcações mercantes e temendo um ataque à florescente vila, solicitou da infanta D. Beatriz, tutora de seu filho D. Diogo, e administradora do mestrado de Cristo, que se fizesse uma fortaleza para defesa do porto, mas a infanta, pretextando muitas despesas havidas, foi adiando a obra.

D. Manuel, quando duque, providenciou para que se fizesse uma cerca na vila do Funchal, prometendo que depois desta concluída, se passaria a idêntica fortificação na vila de Machico, porém, considerando os encargos que isso traria, foi reduzindo o seu projecto a um baluarte apenas no Funchal, que seria pago por acréscimo do tributo do açúcar e computado em 1.266\$000 réis anuais, grossa quantia nessa época, além de um dia de trabalho obrigatório, de que somente teriam escusa os fidalgos.

Os trabalhos de fortificações começaram somente no reinado de D. Manuel, iniciando-se o baluarte e torreão, dando-lhe impulso as novas contribuições lançadas no reinado de D. João III, especialmente a imposição das carnes, modificando-se depois o projecto de defesa em 1572, que manda se faça fortaleza com três baluartes, se derribem as casas que lhe são impedimento, se cortem os balcões da frontaria do calhau, onde se hão-de construir os muros da cidade com

cinco portas - duas ao sul para o mar, uma a leste e duas a oeste, correndo as muralhas entre as ribeiras de João Gomes e de S. Francisco (hoje de S. João), a entes tarem nos morros da Pena e do Pico dos Frias.

O ataque dos corsários à cidade em 1566, feito pela Praia Formosa, fez com que se olhasse para a defesa da costa, trabalhando--se nos entrincheiramentos em pontos que dominavam o mar, nas rochas a cavaleiro sobre as povoações e que se chamavam fortes roqueiros, a cargo das vigias e superintendência dos capitães-cabos & os portos se empossibillytaram asy & da maneyra que se fez de camara dellobos atee a cidade.

No domínio filipino modificaram-se as regras da defesa consoante o traçado poligonal e foram construídos os fortes de S. Tiago, S. Filipe, Loures e Penha de França, e iniciada a Fortaleza do Pico, no Funchal, S. Roque em Machico e Castelo do Pico na ilha do Porto Santo.

No período da Restauração e século XVII se fizeram o reduto de Santo António da Alfândega, Santa Catarina e a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição do Ilhéu, e se aumentaram os muros da cidade para leste, a entes tarem com a fortaleza de Santiago.

No século XVIII se construíram os fortes de S. Pedro e S. José da Pontinha, no Funchal; na costa até Câmara de Lobos, os do Gorgulho, Engenhoca, Nossa Senhora da Ajuda, Praia Formosa, Nossa Senhora da Vitoria, Pastel e S. Sebastião em Câmara de Lobos; o de S. Bento, na Ribeira Brava; os da Madalena do Mar, Ponta do Sol e Calheta; a fortaleza de Santo António, no Paul do Mar; o forte do Porto do Moniz; o do Faial, o da Entrosa, na Boaventura, o da Terra-chá, em S. Vicente, o de S. Jorge e o do Arco de S. Jorge; o do Porto da Cruz; o reduto do Caniçal; os fortes de S. João Baptista e Nossa Senhora do Amparo, em Machico; os de S. Francisco, S. Lázaro e Nossa Senhora da Graça, em Santa

Cruz; o fortim da foz da Ribeira do Porto Novo; o dos Reis Magos e o da Ribeira do Caniço; e o forte de S. José, na ilha do Porto Santo.

No século XIX se fizeram a bateria das Fontes, em frente de S. Lourenço, o reduto do Seixo, em Água de Pena, o Forte do Porto Novo, no Caniço, e o reduto do Pico de S. João.

Finalmente em 1916 se construiu a bateria da Quinta Vigia, e em 1917 a da Montanha, para a defesa da cidade, contra os submarinos.

Fortaleza de S. Lourenço. Iniciada no reinado de D. Manuel, por um simples baluarte, foi sucessivamente modificada nos reinados de D. João III e D. Sebastião, e rematada no domínio filipino. Em 1566 foi tomada de assalto pelos piratas, pela banda do norte, cujo muro se elevava apenas a 12 palmos de alto e, tendo-se Montluc apossado de uma casa fronteira, dali mandou varejar o cubelo e mais partes do forte, e sendo depois forçada a porta do baluarte, foram passados a fio de espada 250 indivíduos, entre defensores e pessoas que ali se achavam refugiadas. No torreão de leste, em cantaria lavrada, tem as armas de Portugal, a coroa ducal, duas esferas emblemáticas de D. Manuel e uma cruz de Cristo. No baluarte norte, em mármore branco, tinha as armas de Castela, sobre as quais foram enxeridas depois as de Portugal, e cortado a saliente em 1917, para alinhamento da avenida Dr. Manuel de Arriaga.

Dentro do recinto da Fortaleza Velha foi construída a capela de S. Lourenço em 1635, passando desde então a chamar-se Fortaleza.

O alvará do 1.º Condestável é de 20 de Junho de 1566, em favor de Gonçalo Fernandes, vindo de Lisboa. Era guarnecida por 24 bombardeiros a 30 réis

diários, passando em 1753 a receberem 80 réis. O 1.º capelão foi o padre José da Costa, em 1641, a quem foi mandado dar 4\$, como se fazia a qualquer soldado quando assentava praça e tinha soldo de artilheiro, sem obrigação de ali dizer missa aos domingos e dias santificados.

Vários edifícios públicos foram construídos na Fortaleza de S. Lourenço, ao redor do amplo pátio quadrangular interno e do baluarte do norte. (Vid. Palácio de 8. Lourenço).

Fortaleza de Santiago. Foi mandada construir durante o domínio filipino, sobre uma ponta de rocha a leste do porto e no pórtico primitivo em a data de 1614. Aumentada depois da Restauração, teve uma nova muralha e portão exterior, sendo o remate dos muros da cidade. Em 1697 foi capitão ad honorem desta fortaleza Manuel Telo Catanho de Meneses com a obrigação de a ter limpa e provida de vigias. Em 1767 sofreu novas modificações, como se vê duma inscrição ali existente: «Esta fortaleza foi reedificada e acrescentada, sendo governador e capitão-general desta ilha José Correia de Sá e para a mesma fortaleza de artilharia, com todos os preparos no ano de 1767».

Quando as tropas inglesas ocuparam a Madeira, no começo do século passado, foi esta fortaleza guarnecida pelos artilheiros britânicos. Nela esteve preso em 1803 o morgavento de S. Bernardino, para «onde tinha sido João de Freitas da Silva, fugido do conde mandado até se Instruir nos rudimentos da doutrina cristã», - curioso documento publicado pelo Heraldo da Madeira, n.º 441. Serve actualmente de quartel à Bateria n.º 3 de Artilharia de Montanha. (1921).

Fortaleza do Pico. Para a defesa marítima e dominando a cidade foi, no domínio filipino iniciado um castelo sobre o Pico doa Frias e concluídas as primeiras obras em 1632, como acusa a data sobre o portão exterior, seguindo-se trabalhos até 1640, conforme se lê numa lápide: «O governador Luiz de Miranda Henriques Pinto fez o terço do baluarte S. Paulo e quase toda a cortina que pega ao baluarte S. João e a cisterna com seus locais e corpo da guarda rotos na rocha e o revelim da porta e as quatro caças».

A conclusão dos baluartes foi feita no período da Restauração, bem como a capela de S. João Baptista na primeira praça que deu o nome ao castelo.

O 1.º Condestável desta fortaleza foi Francisco de Sousa, em 1624, com o ordenado de 24\$ anuais e duas pipas de vinho.

D. João IV criou o posto de tenente da fortaleza do Pico, sendo provido Benedito Catalão, e houve o posto de capitão-cabo em 1751, exercido por Rodrigo da Costa Almeida.

Em 1770 foram mandados os rapazes vadios do Porto Santo aprender ofícios para as oficinas desta fortaleza, que as houve de latoaria, ferraria, folha de Fiandres, armaria e coronharia. Estas oficinas tiveram grande incremento em 1802, sob a fiscalização do sargento-mor, e foram ali feitas três espingardas com coronhas de diferentes madeiras da ilha, para instrução de suas altezas reais. (Livro das ordens, f. 6).

Na grande aluvião de 1803 todas as famílias que ficaram desabrigadas foram mandadas para a Fortaleza do Pico, que se encheu de barracas de campanha, armadas nas esplanadas.

Em 1883 passou a chamar-se forte de S. Miguel, mas novamente em 1834 retomou o antigo nome, logo que foi derrubado o governo miguelista.

O recinto da fortaleza, em forma de cidadela, ocupa uma área de 2.750 metros quadrados e acha-se numa altitude de 111 metros.

Tem uma grande cisterna cavada na rocha e em abóbora sobre a bateria principal, medindo 18 metros de comprimento por 6 de largo e 10 de altura até o fecho.

A Fortaleza do Pico é um dos pontos onde mais facilmente se pode gozar do majestoso panorama da cidade e porto do Funchal.

Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição do

Ilhéu. A ordem do Governador para que se fizesse esta fortaleza é de 1642 (Arquivo da Câm. Mun. Tomo 6, fl. 66) sobre um rochedo insulado a oeste da baía do Funchal, mas só começou a edificar-se em 1656. Em 1670 tinha um capitão de artilheiros a quem foi mandado abonar 10\$ anuais de azeite para alumiar os soldados.

Em 1682 é mandada edificar a capela de N.E S.B da Conceição, tendo notícia do 1.º capelão, cargo exercido pelo Padre Manuel de Andrade, com o ordenado de 18\$ anuais. Em 1698 é nomeado o primeiro condestável Simão Fernandes Forte, sendo a guarnição de 12 artilheiros pagos a 30 réis por dia. Nessa época os pescadores eram obrigados a fazer a condução de víveres para o Ilhéu sem remuneração alguma, porém se o mar impedia, era lançado um cabo à terra, em casos extremos, para acudir aos bloqueados.

Tem a seguinte inscrição: «Esta fortaleza fez o governador o capitão general Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha... 1654. Neste tempo era provedor da Fazenda Francisco de Andrade, assistiu às despesas da fortificação e ajudou muito esta obra».

Deixou de ficar insulada pela construção do molhe da Pontinha, que nela entesta. Tem estação semafórica e um farolim. (Vid. Molhe da Pontinha).

Castelo do Pico na Ilha do Porto Santo. Os sucessivos saques dos piratas à ilha do Porto Santo, sendo o maior o de 1619, em que pereceu ou foi cativa quase toda a população, restando apenas 18 homens e 7 mulheres, fez com que Filipe II cuidasse do repovoamento e mandasse construir uma fortaleza sobre o Pico que domina a vila, íngreme e pedregoso, mandando edificar no pequeno planalto do cabeço, casas de residência, armazéns e uma cisterna, recinto mais de hospitalização, do que de guerra, embora fosse convenientemente artilhado.

O cargo de condestável foi criado em 1624 e provido Francisco de Sousa com o ordenado anual de 24\$ e duas pipas de vinho, pago pelo almoxarifado do Porto Santo.

Martim Mendes de Vasconcelos, governador da ilha, muito; se interessou pelo ressurgimento do Porto Santo, e os tijolos de que eram feitas as abóboras do Castelo foram preparados naquela ilha.

Forte de S. Felipe da Praça. Mandado construir pelo bispo governador D. Jerónimo Fernando, em 1628, entre as fozes da Ribeira de João Gomes e de Santa Luzia e ao sul do Pelourinho, no local onde existiu um grande til, cuja madura foi empregada numa nau de guerra castelhana.

Em 1754 era condestável o capitão Roque João Acciaioly. Vendido pelo Ministério da Guerra, deu lugar a uma grande armazém.

Forte de Santo António da Alfândega. A ordem para que se faça um saliente nos muros de circunvalação e no pátio da Alfândega Grande é de 1644, tendo por fim bater a praia com fogos cruzados, sendo aberto o portão da Alfândega para maior comodidade «no embarque e desembarque das fazendas».

Este forte tinha 11 canhoneiras, local transformado depois em armazéns, tendo a seguinte inscrição: «Manuel de Sousa Mascarenhas sendo governador e capitão general desta Ilha da Madeira mandou fazer este reduto e portas dele por ordem de Sua Majestade ano de 1645 sendo provedor Manuel Vieira Cardoso».

Forte de São Pedro ou Forte Novo. Ficava na cortina de Nossa Senhora do Calhau, ao Corpo Santo. Tinha uma portada de gola em estilo renascença, encimada por um dístico, sobrepujado por uma coroa ornamentada e muito bem trabalhada em mármore branco, por onde se via que os trabalhos de fortificação, a que mandou proceder na Ilha o capitão-general Duarte Sodré Pereira, foram ultimados em 1707. Havia neste forte um forno de bala

ardentes, que eram tiradas com tenazes de ferro e introduzidas pela boca da peça já carregada e com uma bucha de estopa humedecida. Em virtude do calor, a peça disparava, chegando a bala em brasa à tolda dos navios de madeira, onde fazia rombo e os incendiava.

Foi demolido em 1897.

Forte da Penha de França. Era uma obra avançada, defendendo a enseada do Ribeiro Seco, e construída em 1712, sendo 1.º Condestável Manuel de Ceia. Em 1801 foi ali aquartelada parte da tropa inglesa, do coronel Clinton.

Forte de Loures. É tradição ter sido mandado construir por um particular, no século XVII. Batia a enseada de Gonçalo Aires e foz da ribeira. Já sem importância no tempo do capitão-general D. Diogo Coutinho, pretendeu este montar ali uma fábrica de seda.

Forte do Porto Novo. Foi começado em 1827 pelo governador Travassos Valdez, sobre a riba direita da ribeira do Porto Novo. Ainda não estava concluído quando da tomada da ilha pelas tropas miguelistas, em 1823, tendo ali explodido um caixão com munições. Este forte foi mandado concluir por D. Álvaro da Costa e era servido pela estrada velha do Caniço.

Houve um fortim na praia, já arruinado nesta época e sem importância. Forte de S. João Baptista, chamado também do Ancoradouro e do Desembarcadouro, Foi construído sobre uma ponta de rocha, a leste da baía de Machico, em 1708.

Fez fogo sobre o brigue de guerra da esquadra miguelista, Infante D.- Sebastião, em 22 de Agosto de 1828, danificando-o ligeiramente.

Em 1910 foram construídas, na esplanada, casas de madeira e adaptado para hospital de coléricos.

Forte de Nossa Senhora do Amparo. De traçado triangular, foi construído em 1706, sem despesa para a Fazenda Real. Conforme uma inscrição, correu com a obra dele Francisco Dias Franco, que foi o seu primeiro capitão.

Fica junto ao passeio de Machico e foi o último a se render por ocasião do desembarque das tropas miguelistas, em 1828.

Forte de 8. Roque de Machico. Construído no domínio filipino, na foz do Ribeirinho a dentro da baía de Machico. Ficava junto ao campo de revistas de S. Roque.

Em 1695 era condestável Pedro de Sousa Maciel. Apenas restam uns blocos das muralhas sobre a praia.

Forte do Caniçal. Mandado construir no 1.º Quartel do século XVIII, depois de um desembarque de piratas naquela povoação. Em 1758 era capitão deste forte João de Morais Perestrelo. Ficava sobre a enseada.

Forte de São Bento da Ribeira Brava. Mandado construir pelo governador Duarte Sodré Pereira para defesa do lugar.

Forte do Porto da Cruz. É de 1708 e foi construído sobre a baía. Em 1804 foi desmantelado, sendo a guarnição existente mandada trabalhar na desobstrução da Ribeira de Machico. Em 1713, foi nomeado capitão deste forte João de Vasconcelos Uzel.

Forte de Santo António no Paul do Mar. Foi construído em 1754. Uma provisão do Conselho de Guerra, de 1761, manda aumentar ao condestável mais uma pipa de vinho ao ordenado anual de 12\$ da sua criação.

Forte de S. Jorge da Calheta. Em 1751 era capitão deste forte Bernardo da Gama.

Reduto de S. Jorge. Na freguesia de S. Jorge. Em 1785, era seu capitão Francisco Manuel Jardim Telo de Meneses.

Forte de S. Francisco. Foi mandado edificar na vila de Santa Cruz pelo bispo governador D. Fr. João do Nascimento em 1749, aplicando para essa obra o dinheiro proveniente das multas que pagavam as ordenanças por falta de serviço de vigias.

Forte de S. José da Ilha do Porto Santo. Construído no governo pombalino, a dentro da vila, tendo casa para residência doa governadores. Acha-se cedido actualmente à guarda-fiscal. (1921)